

“Eu vejo na minha sexualidade o motivo para viver melhor o que é ser cristão”: Ressignificação e regulação das homossexualidades no Projeto Aprisco

Alessandra dos Reis de Souza¹
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro²
Frank Antonio Mezzomo³

Resumo: O Projeto Aprisco é uma iniciativa da comunidade católica Fraternidade O Caminho, no município de Campo Mourão, PR, que visa dialogar e acolher pessoas com relacionamentos homossexuais. Neste artigo, analisamos as compreensões desses sujeitos no que tange às experiências no âmbito religioso, buscando observar de que forma os mesmos resignificam a relação com a religião e as sexualidades. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 8 participantes do Projeto, com idades entre 22 e 30 anos, e que mantinham relacionamentos homossexuais. Os resultados evidenciaram o enraizamento de uma concepção heteronormativa que é compartilhada pela Igreja, pela sociedade e também pelos próprios participantes. Após serem acolhidos(as), esses sujeitos compreendem essa iniciativa como uma rede de apoio, o que acaba por resignificar a relação com a Igreja, com Deus e com as sexualidades. Todavia, esse acolhimento acontece por meio de uma regulação das sexualidades, de modo que tal elemento, assim como a dimensão religiosa, têm atuado como modeladores da subjetividade dos membros do Projeto Aprisco.

Palavras-chave: Homossexualidades; religião; identidades; sexualidades.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Mestra em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR (2020). Especialista em Psicoterapia Cognitivo Comportamental e Análise do Comportamento (2019). Psicóloga (2015).

² Docente dos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, História Pública e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP (2011). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2006). Pedagoga pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2001).

³ Docente dos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, História Pública e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2009). Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2000). Especialista em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (1998). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (1996).

“I see in my sexuality the reason to live better what it means to be a Christian”: Resignification and regulation of homosexualities at Aprisco Project

Abstract: The Aprisco Project is an initiative of the Catholic community ‘Fraternidade O Caminho’, located in the city of Campo Mourão, Paraná state, Brazil, which aims to dialogue and welcome people with homosexual relationships. In this article, we analyzed the understandings of these subjects concerning experiences in the religious sphere, seeking to observe how they re-signify the connection between religion and sexualities. Semi-structured interviews were conducted with eight participants of the project, aged between 22 and 30 years old, and who had homosexual relationships. The results showed the rooting of a heteronormative conception that is shared by the Church, the society, and by the participants themselves. After being welcomed, these subjects understand this initiative as a support network, which gives a new meaning to their relationship with the Church, with God and with sexualities. However, this acceptance happens through the regulation of the sexualities in such a way that this element, as well as the religious dimension, have acted as molders of the subjectivity of the members of the Aprisco Project.

Keywords: Homosexualities; religion; identities; sexualities.

Introdução

Desde 17 de maio 1990, como resultado das discussões teóricas e científicas, bem como de lutas dos movimentos sociais, a orientação sexual não pode ser tratada e/ou vista como doença ou desvio, pois a Organização Mundial de Saúde (OMS), por meio da 10ª revisão da lista de Classificação Internacional de Doenças (CID-10), retirou a homossexualidade da categoria de doença, eliminando também o uso do sufixo “ismo”. Após 9 anos dessa decisão, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução 001/1999, proibiu que psicólogos/as exerçam ações coercitivas referentes à orientação sexual, contribuam na patologização das práticas homoeróticas e proponham práticas curativas. Todavia, apesar desses progressos nas áreas científicas, a patologização e discriminação permanecem nos discursos da sociedade, das mídias, das religiões, de modo a influenciar as compreensões, relações e posturas institucionais para com sujeitos que expressem suas sexualidades de modo diferente do padrão heteronormativo.

A temática das homossexualidades⁴ vem há muito sendo debatida pela Igreja Católica, a qual, depois de séculos, parece sinalizar para uma postura de diálogo e abertura acerca das dinâmicas de gênero e sexualidade. A perspectiva oficial da Igreja, entretanto, desaprova as homossexualidades, por considerá-las contrárias à lei natural e integradas por atos desordenados. A influência das concepções cristãs tende a orientar ações e pensamentos embasados em um discurso dogmático, que subsidia a constituição das identidades de sujeitos sexuais-religiosos, de modo que ser católico e homossexual, em muitos casos, pode ser entendido como uma construção incoerente, incompatível ou contraditória. Os discursos religiosos acabam, ainda, servindo de base para condutas sociais dos homossexuais, e o pertencimento religioso inclina-se a conduzir às normas e punir os comportamentos que se desviam dela (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009; ARAÚJO; MELO, 2013; LEITE, 2016).

Devido à influência que a Igreja Católica exerce na vida dos fiéis e da sociedade como um todo, tal postura pode, portanto, contribuir para a disseminação do preconceito contra as pessoas homossexuais, influenciando igualmente na elaboração de políticas públicas. Todavia, a partir de 2013, quando Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco, assume o pontificado, podemos identificar alguns indícios e episódios que parecem sugerir, ainda que de modo muito inicial, a acolhida e compreensão das condições de vida daqueles/as que são enquadrados/as como homossexuais.

Em julho de 2013, durante entrevista⁵ no voo de regresso do Rio de Janeiro por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, ao ser questionado sobre como pensava em abordar a questão do “lobby gay”, Papa Francisco afirmou: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso

⁴ Optamos por uma pluralização no conceito, partindo do princípio de que não há uma única forma de expressão e de vivência das homossexualidades, e considerando que tal termo, no plural, abarca as minorias sexuais, devido ao seu caráter político inscrito na diversidade sexual. Assim, em nosso trabalho, a menção aos homossexuais engloba gays, lésbicas e bissexuais.

⁵ A entrevista completa está disponível no site do Vaticano, intitulada “Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html>. Acesso em: 15 maio 2020.

muito bem, dizendo [...]: ‘Não se deve marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade’. O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos [...]’. Em outra entrevista realizada em setembro do mesmo ano, menciona: “Para começar, agrada-me que se fale de ‘pessoas homossexuais’: primeiro há a pessoa, na sua inteireza e dignidade. E a pessoa não é definida somente pela sua tendência homossexual; não nos esqueçamos de que somos todos criaturas amadas por Deus, destinatárias do Seu infinito amor” (PAPA FRANCISCO, 2017, p. 60).

Ao analisar os dois primeiros anos do pontificado de Papa Francisco, Boaventura e Freitas (2016) argumentam que, ao que se percebe, o pontífice não tem intenções de propor modificações na doutrina da Igreja Católica, mas que a mudança mais significativa se refere ao tom de seu discurso. Assim, levantam o seguinte questionamento: “Afim, o Papa Francisco representa uma nova liderança na Igreja ou uma velha liderança apenas ajustada a novos liderados?” (p. 318). Deste modo, os autores acreditam que não acontecerão mudanças na doutrina, mas que essa projeção de “abertura” produz uma miragem que pode ser analisada e problematizada.

De todo modo, a passagem de Josef Ratzinger – Papa Bento XVI – para Jorge Bergoglio pode ser vista como um processo de mudança para um “novo” catolicismo, uma Igreja mais “aberta e flexível”, que provavelmente é influenciada, além da diferente concepção eclesiológica dos papas, pelo fato de a instituição estar perdendo fiéis nas últimas décadas, principalmente entre os jovens. Ou seja, as declarações do Papa Francisco dão margem para uma possível mudança no que tange à postura da Igreja Católica com relação às homossexualidades e a outros assuntos antes intocáveis, e que ele se dispõe a discutir, mas sem tomar decisões mais efetivas, que poderiam assustar parte dos católicos mais conservadores. Tal dinâmica pode sinalizar para o fato de que “basta que o ethos projetado cumpra seu papel: um papa mais aberto a questões antes indiscutíveis, agregando a simpatia dos católicos mais progressistas sem afligir os conservadores”⁶ (BOAVENTURA; FREITAS, 2016, p. 331).

A recorrência desse tipo de posicionamento permite-nos refletir sobre a atualidade e a presença da religião – em especial do catolicismo – no que diz respeito ao debate acerca das sexualidades, principalmente no que tange à formação de opinião dos fiéis. Como sujeito sexual, cada pessoa é condutora de sua vida, e não mero objeto dos instintos, e, na sociedade, deve ser entendida também como portadora de direitos. Cada pessoa que é adepta de determinada religião constitui-se enquanto sujeito religioso inserido em um contexto cultural, mas também enquanto sujeito sexual, que vive sua sexualidade e é ao mesmo tempo questionado (ou não) pela religião (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

De acordo com Valle (2006), o Concílio Vaticano II (1962-1965) pode ser considerado um marco que trouxe algumas mudanças para a Igreja Católica, como, por exemplo, a substituição do rigor doutrinário pelo acolhimento pastoral, de tal modo que há uma busca por acolher os(as) homossexuais como filhos(as) de Deus. Contudo, a Igreja permanece fiel

⁶ Todavia, vale ressaltar que alguns setores da Igreja Católica, tidos como mais conservadores, ainda assim demonstram certo incômodo e descontentamento com os posicionamentos considerados progressistas do Papa Francisco em diversas temáticas.

ao que julga ser os valores cristãos. Ao lado desse posicionamento – que por vezes reforça uma postura discriminatória e contribui para a manutenção da homofobia na sociedade, afetando profundamente a vivência dos(as) homossexuais –, há também a orientação para que, na instituição religiosa, sejam sempre “acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2001, p. 611). No entanto, apesar de acolhê-los(as), a Igreja deixa claro que é totalmente contrária à vivência das homossexualidades (ARAÚJO; MELO, 2013). A ênfase do Catecismo da Igreja Católica no acolhimento e no evitar a discriminação denota um caráter de abertura à integração do(a) homossexual, sem deixar, contudo, de expor que tal ato não se caracteriza como natural a Deus, ou seja, ainda que enfatize a não discriminação, esta se torna contraditória mediante as demais afirmações (MERTES, 2016).

Por mais que a instituição religiosa enuncie uma promessa de acolhimento, isso parece ocorrer “sempre em termos de tolerância pastoral, mais do que da aceitação, do reconhecimento e da valorização de sua experiência de vida e de fé” (ARAÚJO; MELO, 2013, p. 28). Ao agenciar esses espaços de pertencimento, há um agenciamento concomitante do modo como se deve pertencer, e, diante disso, há os que não conseguem se “enquadrar” e são excluídos, tendo seus modos de vivenciar invalidados e tidos como desviantes, o que acaba por introduzi-los em um processo de sofrimento psicossocioemocional. Dessa forma, se, por um lado, é possível afirmar que na atualidade a Igreja enfatiza um discurso de acolhimento, por outro lado, este mesmo discurso tende a ser ambíguo, trazendo simultaneamente intencionalidades de adequação ao padrão heteronormativo.

Como podemos perceber, tratar sobre sexualidades sob o prisma da tradição judaico-cristã parece sempre ter sido uma temática que exigiu cuidado. Sexualidades e religião são dois componentes dentro da modulação da subjetividade dos sujeitos, e colaboram na construção da identidade “sexual-religiosa” que é perpassada pelo discurso dogmático e sua implicação na subjetividade. De igual modo, sexualidade e religião influenciam na manutenção das crenças coletivas e individuais que continuamente reelaboram as distintas formas de percepção e vivência no mundo de acordo com a experiência social.

Um elemento relevante na constituição da identidade é o outro, uma vez que não é possível construir a autoimagem sem estabelecer negociações em função do outro. Dessa forma, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Quando se fala em identidade e diferença, a diferenciação torna-se o processo central, que demarca as fronteiras entre quem pertence e quem não pertence, que classifica os puros e os promíscuos, que distingue os que estão dentro dos que estão fora, e assim, ter o privilégio de classificar e atribuir valores a determinados grupos. Todavia, tal relação é produzida no contexto das relações culturais e sociais. Dessa forma, identidade e diferença são uma relação social sujeita a veículos de força e relações de poder, e assim, são impostas (SILVA, 2009).

É nesse contexto e no bojo de tal dinâmica que tematizamos, em nossa pesquisa, os sujeitos que participam do Projeto Aprisco, iniciativa vinculada à comunidade católica

Fraternidade O Caminho⁷ de Campo Mourão, Paraná, que se propõe a integrar, acolher e dialogar com pessoas que mantêm relacionamentos homossexuais. Neste artigo, tratamos de analisar as compreensões dos participantes do Projeto Aprisco quanto às suas experiências no âmbito religioso, buscando observar de que forma tais sujeitos ressignificam a relação com a religião e as sexualidades a partir da vinculação a tal iniciativa⁸. Desse modo, nos propomos a problematizar/desnaturalizar os efeitos da religião e das sexualidades na vida e na subjetividade desses sujeitos, esperando contribuir para as reflexões acerca das contradições, desafios e possibilidades quanto aos modos de ser homossexual católico(a) na contemporaneidade.

O Projeto Aprisco e seus integrantes: contextualizando a pesquisa

O Projeto Aprisco tem este nome em referência à passagem bíblica de João, capítulo 10, versículo 16, “ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco”, metaforicamente significando o seio da Igreja, ou seja, a Igreja deve ser vista como lugar de todos, e, nesse caso em especial, também dos homossexuais. A iniciativa pretende, inicialmente, estabelecer um diálogo, por meio da escuta, com pessoas que já estão no ambiente religioso buscando aproximá-los(as) da Igreja e de Deus a partir do acolhimento sem julgamentos – o que pode promover uma mudança na compreensão dos próprios sujeitos quanto à incompatibilidade entre homossexualidades e religião. A vinculação ao projeto implica a participação em encontros periódicos de caráter formativo – a cada 15 dias, nos quais são trabalhados temas que se relacionam à fé católica e às sexualidades – e espiritual – uma vez por mês, através de um momento de adoração –, além da participação nas atividades da Fraternidade, o que proporciona a inserção e o convívio com os demais membros bem como o auxílio para os conflitos internos, familiares, sociais e eclesiológicos.

O primeiro encontro do grupo referente ao Projeto Aprisco ocorreu em 28 de dezembro de 2016, quando o fundador da comunidade, Padre Gilson, reuniu-se com 5 membros da Fraternidade O Caminho, de Campo Mourão, e expôs o desejo de desenvolver um trabalho com pessoas de orientação homoafetiva, em razão da percepção de ser essa uma necessidade da Igreja, diante do sofrimento dessas pessoas em conciliar a vivência da fé católica com suas sexualidades.

O município de Campo Mourão foi escolhido como sede e primeira experiência de tal iniciativa, por existirem nessa localidade pessoas homossexuais, integrantes da Fraternidade O Caminho, que mais se aproximam de um perfil idealizado pelo fundador, o que inclui a

⁷ Presente em diversos municípios do país, a comunidade religiosa foi fundada em 2001 pelo Padre Gilson Sobreiro de Araújo e pela Irmã Serva das Chagas Ocultas do Crucificado, na Zona Sul de São Paulo, com o intuito de ajudar jovens que estavam imersos na drogadição. Atualmente, conta com 80 casas localizadas em 14 países. Em Campo Mourão, a comunidade religiosa existe desde 2006. Os dados referentes ao histórico da Fraternidade O Caminho foram coletados no site da comunidade. Disponível em: <<http://ocaminho.org.br/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁸ Este texto discute dados de pesquisa de Mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão (SOUZA, 2020).

maturidade⁹ e o intuito de constituir um relacionamento de acordo com os princípios da fé católica. Dessa forma, devem seguir o recomendado pela Igreja, como a prática de orações, frequência nas missas dominicais, bem como a vivência dos valores éticos e morais cristãos, entre os quais: fidelidade, cumplicidade e amor. Estes devem estar presentes também em seus relacionamentos, a fim, inclusive, de quebrar o estigma de libertinagem e pecado que costumam marcar socialmente as pessoas homossexuais. Portanto, é esperado que os(as) integrantes do Aprisco testemunhem que é possível vivenciar os valores da fé cristã em suas vidas e em seus relacionamentos homoafetivos. Tais critérios de ingresso, por si sós, podem ser tidos como um mecanismo de controle que visa regular as práticas sexuais, como discutiremos de modo mais aprofundado adiante.

Ainda de acordo com Padre Gilson, o Projeto pressupõe que o diálogo entre os homossexuais e a Igreja não precisa ser fundamentado no axioma do pecado e da condenação, e tem como objetivo evitar que essas pessoas atentem contra suas vidas por serem homossexuais, além de desassociar a identidade de homossexual apenas a experiências sexuais – isto é, a abordagem considera o sujeito em sua integralidade. Todavia, no trajeto de consolidação dessa iniciativa, o idealizador reconhece que existem desafios e inseguranças, por ser um assunto polêmico e delicado dentro da sociedade e da Igreja, inclusive dentro da própria Fraternidade O Caminho, o que pode vir a gerar embates no meio social e religioso, dividindo opiniões e provocando acirradas discussões (SOUZA, 2020).

Atualmente, o Projeto Aprisco conta com 8 integrantes, todos atuantes dentro da comunidade religiosa. A identidade do grupo é de católicos(as) que mantêm relacionamentos homossexuais, ou seja, suas sexualidades não foram ignoradas ou suprimidas, mas é elemento definidor da constituição do grupo e da atividade desenvolvida no interior da Fraternidade O Caminho.

Para a realização de nossa investigação, os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada realizada com 8 pessoas, entre 22 e 30 anos, que mantêm relacionamentos homossexuais e são integrantes do Projeto Aprisco, os quais aceitaram integrar a pesquisa de modo livre e voluntário, preservando seu anonimato¹⁰. As entrevistas ocorreram individualmente, no intuito de investigar como se deu o contato inicial com o Projeto e com a comunidade, como têm sido as ações realizadas, quais as dificuldades enfrentadas, o que os(as) motiva, quais são suas perspectivas futuras e suas experiências passadas e atuais enquanto homossexuais¹¹ inseridos em um ambiente religioso.

As entrevistas aconteceram no segundo semestre de 2018, com tempo médio de 1 hora de duração, tendo sido gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram analisados a partir

⁹ Nesse contexto, maturidade engloba os aspectos psicoemocionais, religiosos e sexuais, no sentido da definição pelo catolicismo, da orientação sexual e o desejo por relacionamentos monogâmicos.

¹⁰ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unespar, sob o Parecer n. 2.930.365. Em acordo com o disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os nomes usados neste artigo para se referir aos(as) participantes do Projeto Aprisco são fictícios.

¹¹ Trata-se de pessoas que mantêm relacionamentos homossexuais, embora alguns – como veremos nos dados – se denominam heterossexual e bissexual.

de uma perspectiva qualitativa e interpretativa (DUARTE, 2004), buscando compreender o perfil desses sujeitos, suas histórias de vida, vinculações, perspectivas, e o modo como a participação no Projeto Aprisco influencia sua constituição identitária e ressignifica sua relação com a religião. Apresentamos no quadro 1 alguns elementos biográficos de cada um(a) dos(as) entrevistados(as).

Quadro 1: Perfil dos(as) participantes do Projeto Aprisco

Nome	Idade	Experiência religiosa	Experiência sexual
Bruno	29	Participa da Fraternidade há 6 anos, já foi membro de ministério e atualmente está como um dos coordenadores do Aprisco. Relata que o lugar onde mais sofreu preconceito foi dentro da Igreja.	Suas memórias mais remotas são de interesses voltados para meninos, mas somente aos 16 anos teve certeza da sua homossexualidade, embora tenha constatado isso ao longo de toda infância e adolescência.
Flávia	22	Participa da Fraternidade há 2 anos e atualmente está como uma das coordenadoras do Aprisco. Alega que nunca sofreu nenhum tipo de discriminação na Igreja.	Envolveu-se com a primeira menina aos 14 anos. Depois disso, envolvia-se, concomitantemente, com homens e mulheres. Atualmente, namora Patrícia há quase 3 anos.
Patrícia	27	Participa da Fraternidade há 6 anos e está como uma das coordenadoras do Aprisco. Os pais são ativos e inseridos dentro das atividades da Igreja Católica. O ambiente religioso era usado como uma forma de controle na sua vida, no intuito de afastá-la dos relacionamentos homossexuais.	Relata sentir atração por meninas desde a infância. Teve sua primeira experiência homossexual aos 12 anos. Durante aproximadamente 10 anos, precisou se envolver com homens e mulheres para se sentir bem. Foi quando se questionou se era bissexual.
Thiago	28	Participa da Fraternidade O Caminho há 4 anos, já foi coordenador de ministério e atualmente está como um dos coordenadores da Juventude Caminho e do Aprisco.	A última memória que tem de se interessar por uma mulher é na pré-escola. Após esse fato, todos os seus interesses foram por homens, mas somente em 2011 teve certeza sobre a sua sexualidade.
Marcela	30	Participa da Fraternidade há 3 anos, e sua família vincula-se à Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ). Relata ter sofrido muito preconceito em ambientes religiosos, principalmente nas igrejas evangélicas. Foi excluída das atividades da IEQ em 2009, devido à sua sexualidade. Até 2015, manteve-se totalmente afastada de ambientes religiosos, quando começou a frequentar a Fraternidade.	Começou a se entender como homossexual aos 9 anos de idade e aos 13 anos teve o seu primeiro contato sexual com uma mulher. Namora atualmente com Amanda, que se reconhece como heterossexual.
Vanessa	29	Participa da Fraternidade O Caminho há 8 anos. De família católica, relata não se sentir acolhida em outros espaços religiosos que não sejam da Fraternidade.	Acredita ter nascido homossexual, mas tentou lutar contra por algum tempo. Seu primeiro relacionamento homoafetivo foi aos 16 anos, mas somente aos 18 anos assumiu sua orientação sexual.

Henrique	24	Participa da Fraternidade há 6 anos, grande parte desse tempo em função de liderança. Até os seus 4 anos de idade, seus pais eram evangélicos pentecostais, depois migraram para a Igreja Católica.	Descobriu-se enquanto bissexual há aproximadamente 3 anos, e por 2 anos teve um relacionamento com um homem, sendo que anteriormente havia namorado por 7 anos com uma mulher.
Amanda	26	Participa da Fraternidade há 3 anos. Seus pais são integrantes da Congregação Cristã do Brasil, instituição que frequentou até mais ou menos os 19 anos.	Namora Marcela há quase 4 anos, sendo esta a primeira mulher com quem se envolveu. Não se considera homossexual, pois não sente atração por outras mulheres, mas relata ter se apaixonado pela namorada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em consonância com Musskopf (2003) e Araújo e Melo (2013), acreditamos que compartilhar a história de identidades sexuais que não se encaixam no padrão heteronormativo, buscando compreendê-las e analisá-las, pode contribuir para diminuir a invisibilidade, a discriminação e o preconceito a que essas pessoas são submetidas socialmente. Tendo em vista este entendimento, trazemos, na sequência, as análises das trajetórias e compreensões dos(as) integrantes do Projeto Aprisco.

“Mesmo que perseguições eu encontrar, eu escolho com o meu pastor ficar”: os impactos da religião na construção da identidade sexual

A sensibilidade ao religioso pode ser considerada como uma característica da cultura brasileira, definida majoritariamente por católicos(as) e evangélicos(as), que exercem influência na formação da mentalidade dos sujeitos, no que tange aos valores e ao estabelecimento do que é aceitável ou não, e dessa forma, influenciam no processo de subjetivação (BUSIN, 2011). As raízes das concepções cristãs estão em um passado longínquo e orientam os pensamentos, sentimentos e comportamentos na atualidade, o que justifica o estudo da influência da religião no processo de subjetivação (RIOS; PARKER; TERTO JÚNIOR, 2010; DUARTE, 2017; LEITE, 2016), e aqui, mais precisamente, das concepções estigmatizadoras que influenciam os processos de discriminação e exclusão dos homossexuais, dentro e fora de ambientes religiosos.

Apesar da história de invisibilidade, silenciamento e violência que marca a trajetória das pessoas homossexuais, em diversas dimensões, enfocamos as imbricações entre sexualidades e religião, marcadas em geral pela contradição e contraposição destas duas esferas. Vale ainda ter em vista que, mesmo nos casos em que esses sujeitos são acolhidos(as) no âmbito religioso, há, em geral, uma tendência que esse amparo ocorra principalmente em termos de tolerância pastoral (MUSSKOPF, 2005; ARAÚJO; MELO, 2013).

A discriminação para com homossexuais no âmbito religioso é frequente, em um movimento que busca forçar a adequação da vivência desses sujeitos ao padrão heteronormativo, e, quando isso não ocorre, os mesmos são marcados pelo estigma de uma vida imersa no

pecado. No entanto, existem iniciativas que proporcionam um lugar receptivo e de ajuda para lidar com os sofrimentos atrelados ao ser homossexual católico(a). Tal espaço contribui para propiciar reflexões não somente de cunho teológico-moral, mas que levam em consideração o bem-estar e o amor que é pregado pela religião, mas sem distinção.

Na entrevista com Marcela, fica bastante marcado o preconceito sofrido dentro de instituições religiosas, bem como a visão de que as homossexualidades seriam resultado de possessão demoníaca, e do quanto há uma possível indução daqueles que exercem autoridade ministerial ao inferir quem está ou não sob o agir de Deus.

*isso eram demônios que agiam em mim! [...] quando eu estava em culto evangélico, parece que o cara me escolhia e falava: ‘Vem aqui na frente! E eu ia!’ ‘Olha, Deus mandou falar pra você que esse espírito que age na tua sexualidade vai sair hoje!’ E começava a falar palavras querendo que eu caísse, falando que tinha que manifestar alguma coisa. E eu falava: ‘Meu Deus, será que eu tenho mesmo um demônio dentro de mim?’ Porque todo mundo fala, e na verdade não, era a justificativa que eles encontraram para não aceitar (Marcela. **Entrevista**, 2018).*

Patrícia relata que sua família tem origem e participação ativa no catolicismo, de modo mais específico na Renovação Carismática Católica, e que por dois anos se submeteu a encontros de oração e orientação – para, como ela denomina, receber a “cura gay” –, sendo que aquele ambiente era uma espécie de garantia de que ela não se envolveria com pessoas do mesmo sexo:

*eu fiquei dois anos lá e aí essa pessoa me pediu pra continuar mais um ano, pra ficar tudo bem, pra eu continuar minha cura gay [...]. Quando desconfiavam que eu estava ficando com alguma menina, que eu estava me envolvendo com menina, me chamavam pra salinha pra conversar. Então era assim [...]: “Ah, enquanto a Patrícia estiver aqui dentro, a Patrícia não vai estar se envolvendo com menina, vai estar tudo bem!” (Patrícia. **Entrevista**, 2018).*

Semelhante ao que viveu Patrícia, mas de uma forma mais exposta, excludente e discriminatória dentro do ambiente religioso, está a história de Bruno, que, entre seus 15 e 16 anos, participava do Treinamento de Liderança Cristã (TLC), um movimento dentro da Igreja Católica. Segundo seu relato, nesse período, ele se expressava abertamente sobre sua sexualidade no *twitter*, até que membros desse movimento religioso descobriram que ele era homossexual, o expuseram e o excluíram. Em 2013, já participando da Fraternidade, um dos membros da comunidade o adicionou no *facebook*, descobriu que ele tinha um namorado e contou para as religiosas, e mais uma vez ele sofreu com o preconceito e a exclusão. Nas suas palavras:

*alguns amigos, muito próximos mesmo na época da Igreja, descobriram e armaram um pampheiro; foi o primeiro momento que eu sofri um preconceito [...]; eu nunca mais fui chamado pra trabalhar no TLC. Então foi outra retaliação, e eu amava o movimento [...] “eu estou ligando pra dizer que você não precisa mais vir cantar aqui!” Eu falei: “Mas aconteceu alguma coisa, irmã?” “Não, Bruno, é que é o seguinte: a gente viu o teu facebook e nós vimos que você é homossexual, e nós não aceitamos isso aqui, então você não precisa vir cantar aqui!” (Bruno. **Entrevista**, 2018).*

Mediante esses excertos, percebemos que algumas instituições religiosas até oferecem conforto para determinados segmentos da sociedade, mas quando se trata de homossexuais tendem a excluir e discriminar, atribuindo até mesmo o estigma da demonização, do castigo e da retaliação humana e divina, o que reforça o sentimento de indignidade dessas pessoas. Entretanto, essas posturas não são unânimes a todas as instituições ou a todos os(as) agentes religiosos(as), e é nesse cenário que se abre um espaço para o deslocamento de alguns discursos religiosos condenativos para um acolhimento que proporciona a realização subjetiva. Tal fato é influenciado pela negociação entre discursos e experiências (SILVA; PAIVA PARKER, 2013; LEITE, 2016).

Com relação à experiência de deslocamento, tomamos por base o caso de Marcela, que, ao participar do Projeto Aprisco, apesar de querer ser aceita, percebeu que já tinha se acostumado com a “anormalidade” da sua relação, e que sentiu certo estranhamento ao ser tratada com naturalidade pelo fundador da Fraternidade O Caminho: *“Essa normalidade dele – Padre Gilson – foi assustando, porque ele olhava pra gente como um casal normal, ele conversava com a gente como um casal normal [...]. E eu ficava com medo, porque eu queria essa aceitação, mas eu acho que naquele momento eu não estava pronta para aceitação”* (Marcela. **Entrevista**, 2018).

Patrícia, assim como Marcela, depois de tanto ouvir no ambiente religioso e familiar que a razão de todos os seus problemas era a sua sexualidade, tem a possibilidade de desconstruir essa visão, ao escutar de um religioso que seu problema era falta de amor, fazendo com que se sentisse acolhida e resignificasse as suas experiências com a religião. Dessa forma, decidi que, independentemente do que os outros digam, pensam ou façam, a sua sexualidade não será motivo para que ela se afaste do que acredita, da sua fé, da sua Igreja:

Eu já passei por situações em que as pessoas me convidaram a ir para outra Igreja, porque dentro da cabeça delas é incompatível eu ser católica e eu ser gay! Então, eu passei a entender que é uma coisa minha, eu tenho a minha fé, eu quero seguir dentro da Igreja Católica e ninguém vai me tirar isso! [...] eu não vou deixar que a minha sexualidade seja o motivo de me afastar da minha fé, por conta dos outros. Se não é motivo pra eu mesma me afastar, eu não vou deixar que seja um motivo pra que os outros me afastem! (Patrícia. **Entrevista**, 2018).

Para Bruno, o Aprisco proporcionou a sensação de estar integralmente dentro da Igreja Católica, sem restrições, ser validado enquanto cristão, enquanto filho, promovendo a certeza de que não vive uma contradição, e de que é acolhido e aceito dentro da Igreja por meio de uma comunidade:

Eu estou vivendo o evangelho agora porque a Boa Nova também é pra mim! Porque eu não sou impuro! Porque eu não preciso ser abortado! [...] Então aquilo pra gente, para mim, foi assim: Eu vou ser inteiro! Não tem mais uma dimensão do Bruno que não é acolhida, sabe? [...] Na verdade, [...] eu sempre me senti pertencente, mas agora eu era validado, eu era legitimado! [...] “mas não é uma contradição isso daí? Você está na Igreja que não te aceita, e você continua lá”? Eu falo: Contradição é não amar!

Contradição é você estar dentro da Igreja que prega o amor e viver o ódio! Então eu não me sinto em contradição amando e sendo fiel! (Bruno. **Entrevista**, 2018).

A forma com que se inserem na comunidade religiosa, como vivem a religiosidade, apropriando-se dos elementos da fé católica, e ao mesmo tempo, buscando se afastar do que pode ser considerado oposto aos valores do catolicismo, contribui para a construção da identidade do sujeito sexual-religioso (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013; SILVA et al., 2008). E, por meio da possibilidade de transformar e superar as crenças que produziam sentimentos de culpa, vergonha e indignidade, podem desenvolver a religiosidade.

Ao assumir uma orientação sexual, ou um relacionamento que não se enquadre nos padrões heteronormativos, há uma tendência a que os sujeitos que frequentam a Igreja Católica passem a ser questionados sobre a legitimidade de sua identidade cristã, o que expressa a crença de que há uma impossibilidade de ser homossexual ou qualquer outra identidade “dissonante” da sexualidade hegemônica e ser, ao mesmo tempo, cristão(ã) (SILVA; BARBOSA, 2015). Ou seja, as pessoas passam a ser duplamente discriminadas: por saírem do padrão heterossexual e por desobedecerem ao que é pregado pela religião, pela contrariedade do que é considerada a lei natural de Deus. Nessa lógica, ao não ser heterossexual, o sujeito passa também a não ser considerado cristão. Tal compreensão acaba, em alguns casos, gerando um processo de exclusão, apagamento ou negação de alguma dessas dimensões identitárias: ou da identidade sexual ou da identidade religiosa, e todo esse contexto gera conflitos, sofrimentos e sentimentos como culpa, vergonha e tristeza, de modo a ser comum que essas pessoas se afastem dos ambientes religiosos devido ao conflito produzido entre identidade religiosa e identidade sexual, por estarem aderindo a uma prática que é considerada pecaminosa nesse meio (GHORAYEB, 2007; SILVA; BUSIN, 2011; BARBOSA, 2015; LEITE, 2016). Todavia, apesar de geralmente serem tidos como destoantes e/ou contrários ao catolicismo, os/as homossexuais estão na Igreja Católica, possuem uma experiência de fé concomitante a uma sexualidade não heterossexual, e muitas vezes ocupam cargos de liderança dentro de movimentos e pastorais (ARAÚJO; MELO, 2013).

Apesar de o Projeto Aprisco ser idealizado e acompanhado pelo fundador da Fraternidade O Caminho, a iniciativa e mentalidade não é uníssona dentro de toda a comunidade, o que tem gerado alguns desconfortos em relação à proposta do Projeto, assim como às atribuições desenvolvidas pelas pessoas homossexuais, tais como: os questionamentos sobre os membros do Projeto também exercerem cargos de liderança, e até mesmo a desaprovação a essa iniciativa. Diante disso, Henrique faz a distinção entre os que fazem parte da comunidade e mantêm a visão de segregação e aqueles que considera que são verdadeiramente a comunidade, para os quais a distinção não existe: “São coisas que acontecem dentro da Fraternidade que, infelizmente, não condizem à Fraternidade, mas sim às pessoas que estão ali dentro, que às vezes não têm uma ciência maior sobre tudo o que acontece, sobre o que é verdadeiramente ser a Fraternidade!” (Henrique. **Entrevista**, 2018). De forma semelhante, Patrícia relata: “*E eu entendi que o seguimento que a Fraternidade tem, e o seguimento que o padre tem, ainda não foi alcançado por*

todas as irmãs e por todos os frades. [...] Ninguém está preparado pra falar sobre um homossexual, sobre um homossexual dentro da Igreja.” (Patrícia. **Entrevista**, 2018).

Em face do exposto, percebemos que, em grande medida, a postura de muitos católicos segue circunscrita ao preconceito, que muitas vezes culmina no afastamento das pessoas homossexuais dos ambientes religiosos, marcadas por um estigma que lhes é imposto concomitantemente à impossibilidade de se ter uma identidade religiosa. Dessa forma, geralmente, são obrigados(as) a escolher não viver a sua identidade homossexual, ou a fazer isso através de uma identificação seletiva com os seus pares, na qual expressam sem receios suas identidades sexuais. Todavia, em outros meios a ocultam, devido à manutenção de suas crenças sobre as homossexualidades como algo que não deve ser vivido (LEITE, 2016; GHORAYEB, 2017; SILVA; BARBOSA, 2015).

Podemos dizer que o Projeto Aprisco busca elaborar uma prática na tentativa de superar o preconceito e a discriminação que existem para com algumas identidades sexuais, que levam muitos homossexuais a se afastarem do âmbito religioso. Após a inclusão no Aprisco, percebe-se que parte desse entendimento é reproduzido pelos participantes. Os relatos que seguem exemplificam esta constatação:

eu tinha uma consciência de que eu realmente vivia em pecado porque eu me relacionava com uma pessoa do mesmo sexo! Então, mesmo eu tendo a certeza de que era aquilo que eu queria para a minha vida, eu tinha esse preconceito: “Não, eu não posso! Não posso fazer isso dentro da Igreja porque eu vivo em pecado”! Isso eu carreguei por muito tempo na minha cabeça. [...] Então foi onde eu falei: eu vivo assim, não tem como eu mudar a minha vida, mas eu também não quero sair da Igreja! (Vanessa. *Entrevista*, 2018).

Já no relato de Vanessa, podemos perceber que ela entende que vergonha e medo são comuns quando se trata de homossexuais, e por entender e ter vivenciado isso, se alegra por hoje poder dizer que há um Projeto dentro de uma instituição religiosa em que as pessoas homossexuais são bem-vindas e acolhidas:

“No começo foi essa alegria que me trouxe, de eu poder falar para uma pessoa que também é homossexual, que está ali, mas que ainda se sente acanhado, se sente com medo, com vergonha. Poder falar: Vem cara! A Fraternidade está aqui, o aprisco está aqui, a gente está aqui para te acolher, para te falar que aqui você é acolhido do jeito que você é, você é bem-vindo do jeito que você é!” (Vanessa. **Entrevista**, 2018).

Esses excertos dão subsídios para se perceber que os pensamentos e comportamentos dos sujeitos mudaram ao se vincularem ao Projeto Aprisco, ou seja, há uma visão de mundo fornecida que é capaz de modificar os comportamentos, os significados e os projetos de vida, que são impulsionados pela religião.

Partimos do pressuposto de que estar inserido(a) em uma instituição religiosa contribui para a socialização e, conseqüentemente, influencia na permanência. Este parece ser o caso dos membros do Projeto Aprisco, que, após serem acolhidos pelo fundador, vincularam-se a essa

iniciativa, que tem atuado como norteadora de suas condutas. E assim, transformaram-se em um grupo que compartilha a vida e reza junto, apoiando-se nos momentos de dificuldades sustentados pelo princípio de que Deus prega o amor sem aceitação de pessoas, logo Deus os(as) ama independente de sua orientação sexual:

“Hoje a gente tem uma solidificação, a gente reza junto independente de qualquer coisa, independente da presença dele [...]. O padre sempre fala: hoje a Igreja é a partir do Evangelho [...]. Então a última palavra de Deus na Terra foi com Jesus, então é mais ou menos nisso que a gente se embasa, é nisso que a gente se protege” (Thiago. **Entrevista**, 2018).

Contudo, os relatos também nos permitem perceber que esse movimento é feito baseado na discrição: *“Ele pediu para que nós não levantássemos a bandeira do pride que nem ele diz: ‘Se vocês fizerem isso vai dar errado’*. (Patrícia. **Entrevista**, 2018). Para os(as) entrevistados(as), e também para o próprio Padre Gilson, essa atitude é compreendida não como algo que incentiva a anulação das sexualidades, mas como uma postura de cautela, necessária para garantir a continuidade do Projeto no contexto da Fraternidade O Caminho, haja vista que qualquer repercussão mal interpretada pode decretar o fim dessa iniciativa dentro da Igreja Católica, uma instituição milenar com posicionamentos estabelecidos, e no qual qualquer ação, para que tenha bom êxito, deve começar como uma experiência. Assim, na compreensão dos(as) participantes, o Projeto não ocorre escondido, mas também não quer trazer para si uma visibilidade que, no momento, poderia ter consequências imprevisíveis.

Os(As) entrevistados(as) indicam que há, dentro da comunidade religiosa, desafios, resistências e inseguranças – conforme já apontado –, devido ao fato de as homossexualidades serem um assunto polêmico, tanto na sociedade como na Igreja. Padre Gilson, no entanto, alega possibilitar a abertura desse espaço, por acreditar que essa iniciativa poderá promover, primeiramente, uma mudança de mentalidade dos membros da comunidade, a partir da sensibilidade despertada diante da vida e das dores do outro, desenvolvendo uma postura de acolhimento sem julgamentos.

Diante disso, o pertencimento religioso desse grupo acontece sob influência das ideias e das práticas difundidas pelo Projeto Aprisco, pois o mesmo é constituído por sujeitos religiosos que são orientados pelos seguimentos da Fraternidade O Caminho, mas não modificam esses seguimentos de maneira individual, ao contrário, seguem as diretrizes que lhes são passadas. No que tange às sexualidades diante do poder pastoral, podemos dizer que este desempenha um papel de controle, que garante a subsistência do grupo. Assim, esse espaço, que é ao mesmo tempo de assistência, proteção e acolhimento, pode ser também um mecanismo de controle, que não visa somente disciplinarizar os corpos, mas, nesse caso, há também uma disciplinarização dos conhecimentos/doutrinas institucionais, conforme podemos notar a seguir, quando Bruno reproduz uma fala do fundador do Projeto:

“Eu – Padre Gilson – quero propor para vocês que sejam um grupo de pessoas que são homossexuais, que vivem dentro da Igreja, e são integralmente da Igreja! [...] Então

eu quero que vocês vivam nos valores, todos os valores que a Igreja prega: os valores de fidelidade, companheirismo, de amor nos relacionamentos de vocês!” (Bruno. **Entrevista**, 2018).

Podemos interpretar todo o conjunto dessa fala como uma disciplina, ou seja, um instrumento de controle que reordena o que está fora da norma, como uma tentativa de moldar as condutas, disciplinarizar os comportamentos, formatar pensamentos e criar corpos dóceis que posteriormente se tornarão produtivos (FOUCAULT, 1999). Ao se fazerem membros de uma comunidade religiosa, constituem-se enquanto sujeitos religiosos inseridos em um contexto institucional, que interpela a vivência das sexualidades do sujeito sexual (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013). Como membros, seguem as orientações morais da autoridade religiosa, na vivência da esfera das sexualidades, o que contribui no processo de reelaboração dos discursos, e na constituição dos mesmos como sujeito sexual-religioso. Como exemplos, temos os relatos que apresentamos na sequência, os quais nos permitem observar uma pessoa como Marcela, que tinha uma vida sexual ativa e que, após um retiro, decidiu fazer um voto de castidade por um ano, ou Patrícia, que reforçou posicionamentos anteriores de que a não exposição afetiva/gestual de um relacionamento homossexual garante o respeito das pessoas.

Vou fazer um voto de castidade, eu vou ficar um ano sem ter relação com ninguém, vou me dedicar a Deus! [...] o corpo da gente é o templo do Espírito Santo, e quando eu tenho a minha namorada eu preciso respeitar esse corpo que tá ali, não é só o sexo, só o prazer da carne que a gente da homossexualidade trouxe muito historicamente, e ele – Padre Gilson – quer trazer isso pra gente: “Vocês podem viver uma vida saudável, com Deus, desde que vocês respeitem os princípios do corpo de vocês!” (Marcela. **Entrevista**, 2018).

eu vivo hoje um relacionamento com a Flávia segundo os ensinamentos da Igreja, fidelidade, respeito, cumplicidade, a gente reza juntos, a gente vai na missa junto, a gente pratica a caridade, a gente tenta viver ao máximo como os mandamentos que a Igreja ensina. [...] essa responsabilidade maior fez com que a gente [...] não se expusesse tanto, tivesse uma mudança efetiva de comportamento, desse exemplo com as nossas vidas para as pessoas. [...] Eu acredito que o respeito se constrói respeitando, não é chegando na Fraternidade de mão dada com a Flávia, não é sentando e abraçando ela no banco, não é dando um beijo nela em público que eu vou conquistar esse respeito! Eu acho que o fato de nós estarmos juntas, de nós nos tratarmos bem, de nós nos respeitarmos dentro da Fraternidade, é um exemplo que faz com que as pessoas mudem o olhar sobre nós [...] nós acabamos descobrindo que a nossa postura contribui e muito para o respeito (Patrícia. **Entrevista**, 2018).

Com base nesses fragmentos de entrevistas, podemos perceber que a inserção no Projeto Aprisco resultou em uma regulação das sexualidades, um enquadramento e/ou disciplinarização dos corpos que precisam abdicar de certas práticas em prol de uma vivência religiosa dentro do catolicismo. Esses sujeitos passam a acreditar que demonstrações públicas de afeto no âmbito religioso, ainda que sutis, como dar as mãos, reforçam um estereótipo de afronta e desrespeito para com o outro, que é comumente atribuído às relações homossexuais. E, por não quererem

ter suas identidades marcadas majoritariamente pela sexualidade, procuram invisibilizá-la ao buscarem controlar seus afetos, entrando em uma espécie de armário social, uma vez que esse espaço traz circunscrito sobre si a vigilância e a disciplinarização dos corpos, por meio de redes de controle e poder invisíveis (FOUCAULT, 1999).

Em praticamente todos os(as) entrevistados(as) há um conceito internalizado que pressupõe “novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição” (SEDGWICK, 2007, p. 22), principalmente no âmbito religioso, de modo a evitar manifestações que possam causar incômodo no espaço. Dessa forma, a não exposição de sua orientação sexual pode não ser simplesmente para não sofrer os efeitos do preconceito, mas tem relação com complexas redes afetivas, desejanças, e de interdição desses desejos, em prol de um permanecer na Igreja, na família e na sociedade com menos conflitos.

Prosseguindo os exemplos, que abordam essa ressignificação das identidades sexuais/religiosas, encontramos Bruno, que antes se sentia sujo, culpado e indigno, mas a partir da vivência de um relacionamento de acordo com princípios cristãos e de um projeto de vida com seu namorado, passou a acreditar que a sua orientação sexual é também um caminho para se viver a santidade. Situação similar aconteceu com Thiago, que vê nos valores da fé católica, um meio para se viver uma homossexualidade santificada. Vejamos:

o nosso grupo sempre se organizou numa postura de: a minha condição homossexual é um caminho, eu me sinto privilegiado para viver a santidade por meio dele! [...] E eu vejo na minha sexualidade o motivo pra viver melhor o que é ser cristão! [...] já que as pessoas, e muitas delas, me olham negativamente, eu preciso mostrar como é possível ser cristão, sabe? Mesmo essas pessoas olhando assim, mesmo diante de tanto preconceito! Então eu me sinto como um escolhido por Jesus, um escolhido mesmo dele [...] Mas eu não vivo em pecado! Eu amo o Felipe, a gente tem um projeto de vida e isso diferencia a gente, por exemplo, de muitos casais homossexuais, porque eu vejo que muitos amigos meus, eles negam a Igreja, eles vivem uma vida bem solta mesmo em relação a valores sabe? (Bruno. Entrevista, 2018).

esse meu anseio pela mudança de viver mais reservado, de viver fora da promiscuidade, que já era uma coisa que o meu coração pedia, de não viver se envolvendo com todo mundo, de ter um relacionamento [...] a gente tem um embasamento bíblico, tem a passagem que faz o suporte da missão, e tem todos os nossos princípios de amor, fidelidade, de carinho, respeito pelo companheiro, pela pessoa que a gente escolhe tá junto, e viver a espiritualidade, saber que eu sou católico, que eu sou cristão, sou homossexual e assim, eu estou na Igreja. [...] viver uma vida em santidade, de espiritualidade, uma vida de respeito para o companheiro, para a pessoa que você escolheu viver. (Thiago, Entrevista, 2018).

Diante disso, conjecturamos que a iniciativa do Projeto Aprisco, apesar de possuir características inclusivas, continua atrelada a uma moral religiosa que é aplicada à heterossexualidade, e se adapta para acolher um “certo perfil” de pessoas homossexuais, que, após serem inseridas, compreendem essa vinculação como um diferenciador ético-moral. Os

trechos das entrevistas evidenciam essa dinâmica, lembrando que, como já mencionado e explicitado também na entrevista de Bruno, há um perfil específico necessário para integrar o Projeto, que é composto por dois critérios: maturidade espiritual e sexual. A partir dos relatos, é possível verificar que, por maturidade espiritual, eles(as) se referem a uma trajetória dentro da Igreja Católica, de modo a não abarcar homossexuais de outras crenças ou que sejam ateus. Com relação ao segundo critério que legitima a participação, são considerados(as) maduros(as) sexualmente aqueles(as) que não estão na adolescência e nem começando a vivenciar experiências homoafetivas, ou seja, devem ser pessoas que buscam um relacionamento fixo, baseado em cumplicidade, fidelidade, amizade, benquerença, no intuito de construir uma vida a dois, e não apenas restrinjam as suas sexualidades a experiências de genitalidade. Além disso, esse perfil, de acordo com Thiago, se deve ao anseio de santidade comum aos atuais membros do Projeto Aprisco. Assim, a iniciativa é considerada inclusiva tendo como parâmetro o fato de que, no âmbito religioso católico tradicional, a única orientação sexual legítima é a heterossexual; todavia, apesar de oportunizar esse espaço de diálogo, ele está imbricado com a moral religiosa ao “deslegitimar” outros perfis e identidades sexuais, e passar a diferenciar-se através de termos como busca por santidade.

Com relação às sexualidades, o discurso cristão exerce grande influência sobre as representações e práticas de seus fiéis, pois nesse contexto a religião atua como um dispositivo de controle dos corpos e das sexualidades, e a oração como um instrumento de vigilância do desejo, no intuito de combater os pensamentos e as ações que envolvem as sexualidades (FOUCAULT, 1988), isso desde os primórdios do cristianismo, até a atualidade, como pudemos observar na relação do Projeto Aprisco – iniciativa de uma nova comunidade pertencente à Igreja Católica – com os seus membros.

Considerações finais

Ao abordar a relação entre a Igreja Católica e as homossexualidades, percebemos na atualidade uma maior abertura da instituição religiosa para o diálogo com e sobre as identidades homossexuais, o que não existia em outros momentos, embora tal abertura se dê a partir de discursos muitas vezes ambíguos. Após o Concílio Vaticano II, e de maneira mais expressiva, a partir de 2013, quando Jorge Mario Bergoglio é eleito para assumir o pontificado, é possível observar algumas mudanças nos posicionamentos da Igreja, entretanto, a doutrina permanece rígida, ainda que haja disposição maior para o diálogo e o acolhimento (VALLE, 2006; ARAÚJO; MELO, 2013; MERTES, 2016; BOAVENTURA; FREITAS, 2016), e os posicionamentos da Igreja Católica seguem expressando certa ambiguidade, sendo marcados sobretudo por uma postura condenatória em relação às diversas expressões sexuais que fogem ao padrão heteronormativo. Ainda, a crença na incompatibilidade das homossexualidades com a religião se faz presente de modo muito intenso na atualidade, sendo difundida pela sociedade, dentro e fora do ambiente religioso, e influenciando posturas de preconceito, discriminação e homofobia (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009; LEITE, 2016).

Inserido nesse movimento, abordamos, em nosso artigo, o Projeto Aprisco, iniciativa da Fraternidade O Caminho, desenvolvida com pessoas homossexuais. Pudemos constatar que todos(as) os(as) entrevistados(as) consideram a comunidade religiosa como um local de legitimação, acolhimento, e que é também instrumento de reivindicação mediante todos os episódios em que sentiram e ouviram que a Igreja não era lugar para homossexuais. Atualmente, a partir da vinculação ao Projeto Aprisco, sentem-se integrados(as) não apenas na Fraternidade O Caminho, como também na Igreja Católica, substituindo o(a) demonizado(a), errado(a), excluído(a), por um sentir-se pertencente e amado(a) por Deus. Além disso, verificamos que, a partir da compreensão dos(as) participantes, há no Projeto Aprisco uma imbricação entre religião e sexualidades, de tal modo que, nesse contexto, as dimensões sexual e religiosa da identidade podem ser vistas de modo articulado – e não mais em uma relação de oposição. Ainda assim, os valores religiosos acabam exercendo certo controle no comportamento sexual dos sujeitos e no modo como compreendem suas sexualidades (FOUCAULT, 1988, 1999). À vista disso, compreendemos que as sexualidades, assim como a experiência religiosa, atuam como modeladoras na construção da subjetividade dos sujeitos, influenciando a forma de perceber e estar no mundo, bem como o modo com que as relações sociais são estabelecidas (MOTA, 2012).

Notamos uma experiência de ressignificação através da integração a essa iniciativa que, por meio do acolhimento, molda e controla as condutas, por intermédio de direcionamentos sobre como deve ser a postura dos membros desse projeto, a postura de uma pessoa católica e homossexual. Mas, ao nos depararmos com as vivências e os sentimentos anteriores a essa vinculação, percebemos que a exclusão e inviabilidade experimentadas em suas trajetórias de vida foram substituídas pela oportunidade de um lugar de fala, pela legitimação da identidade sexual e religiosa, contato esse que deu sentido às sexualidades, e incitou a busca por viver uma homossexualidade santificada, modificando a forma de ser e estar no mundo. Todavia, conforme já mencionado, essa perspectiva de acolhimento atua também como uma estratégia de regulação das sexualidades, já que estabelece quais são os comportamentos adequados para um(a) homossexual católico(a).

Ao nos debruçarmos sobre as compreensões dos(as) participantes do Projeto, percebemos que estes(as) prezam por uma “homossexualidade santificada”, que inclui discrição, ausência de promiscuidade e busca pela santidade. Notamos, também, que a inclusão no Projeto obedece a regras, do mesmo modo que todo processo social e, dessa forma, “incluir ou acolher algo ou alguém é obrigatoriamente reforçar as fronteiras entre o dentro e o fora, entre quem são os sujeitos que estão habilitados a esse novo lugar e quais deverão ser resgatados ou se transformar em objeto de regulação e rituais de agregação” (NATIVIDADE, 2010, p. 113). Assim, essa relação de inclusão implica e é, ao mesmo tempo, uma relação de exclusão daqueles que não se encaixam no perfil estabelecido. Ao integrarem esse grupo específico, passam a sentir-se “inteiros” no âmbito religioso, mas intrinsecamente a isso, estabelecem um padrão que marca aqueles que não vivem segundo os seus princípios.

Percebemos que a inserção no âmbito religioso tende a gerar um conflito que pode vir a resultar na renúncia de algumas questões consideradas contrárias à moral religiosa, como por

exemplo, o envolvimento afetivo/sexual com diversas pessoas, uma vez que a experiência com a religião deu um novo sentido às sexualidades, culminando em uma valorização e reprodução do discurso religioso que é incorporado como modo ideal para se viver as sexualidades. Para complementar essa afirmação, recorreremos às contribuições de Weber (2002), que pressupõe que há um dualismo presente nas comunidades religiosas, referente à moral do grupo *x* moral do mundo.

Assim, nota-se que a iniciativa do Projeto Aprisco de buscar acolher os homossexuais integrantes da Fraternidade O Caminho ocorre por meio de um enquadramento e disciplinarização dos corpos. Ao mesmo tempo, de modo específico, notamos que a participação nesse Projeto proporciona aos seus integrantes a sensação de expressarem pertença tanto como identidade religiosa, como identidade sexual, ajudando a construir um novo significado para as sexualidades que têm como base os princípios cristãos. Ou seja, há uma valorização e normalização em torno de uma identidade hegemônica homossexual que envolve o ser cristão.

Entrevistas

AMANDA. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

BRUNO. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

FLÁVIA. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

HENRIQUE. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

MARCELA. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

THIAGO. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

VANESSA. **Entrevista concedida a Alessandra Reis.** Campo Mourão, 2018.

Referências

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOAVENTURA, L. H.; FREITAS, E. C. A construção do *ethos* nos discursos do Papa Francisco. **Gragoatá**, Niterói, n. 40, p. 317-338, 2016.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. **Rever**, São Paulo, ano 11, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, dez. 2004.

- DUARTE, A. J. O. Religião e comportamento sexual: concepções cristãs sobre sexualidade. **Relegens Thréskeia**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 74-98, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GHORAYEB, D. B. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. 214f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- LEITE, A. R. Homens católicos com práticas homossexuais: o lugar da religião na produção de sentidos. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 33-42, out. 2016.
- MERTES, K. Sobre a homofobia na Igreja Católica. **Revista IHU On-Line**, 08 out. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2MRH85G>>. Acesso: 11 maio 2020.
- MOTA, F. A. O discurso normalizador da Renovação Carismática referente à sexualidade de seus fiéis. **Revista História e Cultura**, Franca, v. 1, n. 1, p. 85-98, 2012.
- MUSSKOPE, A. S. A Teologia que sai do armário: um depoimento teológico. **Impulso**, Piracicaba, v. 14, n. 34, p. 129-146, 2003.
- MUSSKOPE, A. S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 3, n. 32, p. 1-34, 2005.
- NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.
- NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Nós acolhemos os homossexuais: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **Tomo**, Aracaju, n. 14, p. 203-227, 2009.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RIOS, L. F.; PARKER, R.; TERTO JUNIOR, V. Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 195-217, 2010.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.
- SILVA, C. G. et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, 2008.
- SILVA, C. G.; PAIVA, V.; PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface**, São Paulo, v. 17, n. 44, p. 103-117, jan./mar. 2013.
- SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. Entre cristianismo, laicidade e estado: as construções do conceito de homossexualidade no Brasil. **Mandrágora**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 67-88, 2015.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

SOUZA, A. R. “A boa nova também é para mim”: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2020.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

VALLE, E. A Igreja Católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de Posições. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 1, p. 153-185, 2006.